

RELAÇÕES ÉTNICAS E RESISTÊNCIA CULTURAL: APONTAMENTO SOBRE A VERDADE SEDUZIDA: POR UM CONCEITO DE CULTURA NO BRASIL (MUNIZ SODRÉ) E JUBIABÁ (JORGE AMADO)

LUCAS SILVA FREIRE¹
 REBECA MENDES DA SILVA GOMES²
 YURI SANTOS MEIRA³
 MARÍLIA FLORES SEIXAS DE OLIVEIRA⁴
 LÍDIA NUNES CUNHA⁵

RESUMO

A arbitrariedade característica do termo *cultura* permite que o mesmo seja apropriado das mais diversas formas. Sua apropriação, operando ideologicamente, por parte dos colonizadores do território brasileiro se deu na tentativa de supressão da cultura negra em razão da europeia. O objetivo deste trabalho foi evidenciar como a cultura possibilitou a manipulação do relacionamento com o real dos negros, retirados violentamente de suas terras para serem escravizados no Brasil. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica das obras *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil (1988)*, do pesquisador Muniz Sodré e *Jubiabá (1930)*, de Jorge Amado, ressaltando as relações culturais de que tratam ambas as obras. Como resultado, observou-se a imposição cultural ocidental não foi suficiente para extinguir a cultura negra, visto que, foram desenvolvidas formas de resistência, nos mais diversos âmbitos, o que possibilitou a manutenção da mesma. A discussão acerca da formação cultural brasileira é de suma importância para o conhecimento da origem das graves desigualdades econômicas, sociais e políticas que permeiam a sociedade, e os possíveis caminhos para sua resolução.

Palavras-chave: Cultura. Relacionamento com o real. Negros. Escravidão. Brasil.

1. INTRODUÇÃO

O termo *cultura* pode ser caracterizado como extremamente complexo. Inicialmente, é preciso analisar que não há uma definição estabelecida para a cultura, pois os entendimentos sobre ela vão desde o senso comum até as ciências, sendo que, modernamente, é a Antropologia quem a erige como conceito totêmico (LARAIA, 2001). *Cultura*, no senso comum, pode ser entendida tanto abarcando questões como religião, culinária, dança ou arte, ao mesmo tempo que pode implicar em relações de confronto, luta e até mesmo morte, quando as relações sociais estão em disputa baseadas em preconceito, etnocentrismo ou no racismo. Sob o ponto de vista da Antropologia, a cultura pode ser compreendida

¹ Graduando em Letras Vernáculas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

² Graduanda em Letras Vernáculas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

³ Graduando em Letras Vernáculas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

⁴ Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (CDS/UnB), com Pós-Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos (POSAFRO/UFBA); professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

⁵ Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); doutoranda em História da Educação pela Universidade de Lisboa e professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

enquanto um sistema de códigos que orienta nossa existência (LARAIA, 2001) dando direção e sentido a nossos atos - pode orientar desde um simples modo de vestimenta até complexos modos de organização da sociedade. Os antropólogos Alfred Louis Kroeber (1876-1960) e Clyde Kluckhohn (1905-1960), em 1952, catalogaram mais de 150 definições para o termo *cultura*. É justamente essa arbitrariedade que envolve o conceito que pode tornar as relações culturais muito perigosas. A título de exemplo pode ser citado que, durante o período da escravidão, quando os negros chegavam ao Brasil, era imposta a eles novos costumes, ideias e uma nova língua, para que, assim, esquecessem suas origens, língua ou sua religião. Apesar dos contínuos processos de imposição cultural dos modelos dominantes, houve também processos amplos de resistência, em que as culturas de origem se mantiveram como referência para as identidades culturais, atravessando os séculos e chegando até os dias de hoje.

Na obra *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil* (1988), Muniz Sodré discorre acerca da utilização do termo *cultura* como meio de manipulação e dominação, dado que certas "práticas culturais" desumanas, a exemplo da escravidão, podem ser legitimadas a partir de um fundamento econômico que se transforma em cultural, sendo que essa visão distorcida é defendida, planejada e intencionalmente aplicada por classes específicas. No entanto, Sodré esclarece também que a *cultura* pode ser usada como meio de representatividade, luta e poder de voz. O escritor nos traz como exemplo os cordéis produzidos pelos povos negros como símbolos de resistência. Seguindo a mesma linha de pensamento, o autor Jorge Amado (1912-2001), em seu livro *Jubiabá* (1930), mostra como o candomblé e sua riqueza cultural são palcos de combate contra o racismo, à imposição cultural e a intolerância religiosa.

Em seu romance, Amado apresenta a realidade do negro após a abolição da escravidão - ocorrida em 1888 - na Bahia, através da ótica do personagem Antônio Balduíno (Baldo), que vivia no morro do Capa-Negro, em Salvador. Lugar onde a *cultura*, vida e valores dos negros eram marginalizados pelas classes sociais dominantes, além de anulada qualquer possibilidade de emancipação das classes menos favorecidas, em sua maior parte negros. Baldo é um homem que valoriza sua liberdade, e por essa razão, se recusa a ocupar seu tempo com trabalhos que não diferiam tanto daqueles praticados pelos escravos. Sendo assim, fazia o que desejava, guiando sua vida a partir do desejo de ser reconhecido e cantado em

um ABC - tendo morado na rua, peregrinado por diversos lugares do Brasil, sido boxeador, integrante de um circo, entre outras aventuras. Embora, viajasse constantemente voltava sempre para o morro do Capa-Negro, onde vivia Pai Jubiabá, com quem tinha forte ligação, fazendo-se sempre presente nas noites de macumba lideradas por ele.

Dessa forma, analisar a *cultura*, suas práticas e sua influência na formação da sociedade brasileira, é essencial para compreender o processo de desenvolvimento histórico do Brasil e sua conjuntura atual. Nesse sentido, o presente trabalho propõe-se a, a partir de uma ligação entre as obras do pesquisador Muniz Sodré e do escritor Jorge Amado, explicitar como a *cultura* pode atuar intensamente em nosso modo de pensar, sentir e agir, mais especificamente como ela impactou a vida dos negros, retirados violentamente de suas terras para serem escravizados no Brasil, ao possibilitar a manipulação da forma como se relacionavam com o real.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A cultura negro-brasileira como forma de relacionamento com o real.

Professor, pesquisador, jornalista, sociólogo, tradutor e dono de uma imensa bibliografia, o baiano Muniz Sodré é referência em estudos que tratam acerca da cultura brasileira, com ênfase na população afrodescendente e suas formas de resistência cultural.

Pensando inicialmente a genealogia do conceito de cultura por entre as épocas e sociedades, como ela se desenvolve e é aplicada como ideologia, Sodré passa então a demonstrar na prática como ela se aplicou a população negra, e quais foram as formas de resistência desenvolvidas por eles, que permitiram que sua cultura permanecesse viva até os dias atuais, sendo ela uma das responsáveis por constituir e formar a sociedade brasileira. Para tanto, desenvolve um capítulo, no qual trata especificamente acerca da temática, titulado de “Cultura negra”.

O pesquisador, tratando da cultura negro-brasileira como uma forma de relacionamento com o real, ressalta a importância das formas paralelas de organização social desenvolvidas pelos negros durante o período da escravidão. Embora sofressem todo tipo de violência, seja física, moral e/ou psicológica, por meio dessas formas de resistência que aconteciam na ordem econômica (por meio do ajunte de dinheiro para compra de alforrias); política (agiam na

mediação dos conflitos internos, na organização de ações coletivas como fugas e revoltas ou confrarias); mítica (por meio da elaboração de uma síntese dos deuses e entidades cósmicas africanas) e linguística (por meio da preservação da língua de origem durante os rituais, o iorubá), os negros conseguiram preservar seus dispositivos culturais de origem.

A intensa tentativa de dominação, não só física, mas também cultural ou ideológica por parte dos brancos fez com que, até parte do XIX, as manifestações culturais negras acontecessem de forma clandestina. Nesse cenário, a permissão dada a eles, pelos senhores proprietários, para que realizassem folguedos, danças e batuques, apesar de terem intenção oposta, constituiu-se como forte aliado à preservação de seus ritos, isso porque clandestinamente os realizavam, caracterizando o que Sodré chama de jogo com as ambiguidades do sistema.

Nesse sentido, Sodré verifica no terreiro, espaços territoriais urbanos onde se instalavam sob pretexto religioso, uma representação da resistência à ideologia do dominador, e uma saída, mesmo que parcial, da clandestinidade.

Sendo assim, através da reformulação de determinados elementos de sua cultura original, os negros conseguiram repor na História sua forma de relacionamento com o real. Essa reposição aconteceu de modo a possuir em sua constituição conteúdos tradicionais africanos, e também os que foram reelaborados em território brasileiro, formando assim o que hoje é conhecido como cultura afro-brasileira. Exemplo disso é a sobreposição de entidades espirituais católicas e africanas como forma de permanência, ocorrendo o culto de orixás em paralelo aos santos da Igreja Católica como São Jorge – ou Santo Antônio -, nos centros de umbanda, é, em essência Ogum, entidade espiritual africana. Nesses casos, segundo Sodré, embora o conteúdo seja católico, religioso e ocidental a liturgia é negra, mítica e africana.

Na obra *Jubiabá* (1935), de Jorge Amado, é possível verificar diversos elementos da cultura negra das quais trata Muniz Sodré em seu livro, mais especificamente no capítulo aqui tratado. No capítulo intitulado *Macumba*, por exemplo, é narrado um culto realizado no terreiro de pai Jubiabá, e nele observa-se o uso de termos em referência a divindades africanas como *Exu* - orixá guardião da comunicação; *Xangô* - o deus da justiça, do raio e do trovão; *Omolu* - deus que protege as pessoas das doenças contaminantes, entre outros. Além da utilização

da língua nagô principalmente por parte de pai Jubiabá, não só neste capítulo, mas em diversas partes do livro.

Na sala estavam todos enlouquecidos e dançavam todos ao som dos atabaques, agogôs, chocalhos, cabaças. E os santos dançavam também ao som da velha música da África, dançavam todos os quatro, entre as feitas, ao redordos ogãs. E eram Oxóssi, o deus da caça, Xangô, o deus do raio e do trovão, Omolu, o deus da bexiga, e Oxalá, o maior de todos, que se espojava no chão (AMADO, 2008, p.101).

Foi só então que a mãe do terreiro cantou: Ê inun ojá la o ló, inun li a o lô. Ela estava avisando: O povo da feira que se prepare. Vamos invadi-la (AMADO, 2008, p.100).

Nesses trechos, fica explícito a eficácia das organizações sociais realizadas pelos negros, especialmente as de ordem mítica e linguística, visto que mesmo não tendo contato com a cultura original, os negros do morro Capa-Negro conservam conhecimentos e mantém vivo o panteão de deuses e entidades cósmicas africanas, atravessando os séculos, como evidência da resistência cultural. Além da utilização e entendimento da língua original dos cultos ritualísticos, o iorubá.

Outro aspecto tratado por Sodré e que pode ser percebido no mesmo capítulo da obra de Jorge Amado tratado acima é acerca do sentimento de clandestinidade quanto ao culto ritualístico realizado pelos negros do morro do Capa Negro. No capítulo *Macumba*, já citado anteriormente, é narrada a preocupação dos negros, que frequentavam o terreiro de Jubiabá, com o homem branco que estava presente naquela noite de macumba.

Nas noites de macumba os negros da cidade se reuniam no terreiro de Jubiabá e contavam as suas coisas. Ficavam conversando noite afora, discutindo os casos acontecidos nos últimos dias. Mas naquela noite eles estavam meio encabulados por causa do homem branco que tinha vindo de muito longe só para assistir à macumba de pai Jubiabá. (...) O homem queria ver as macumbas e o poeta disse que só Antônio Balduino tinha prestígio para conseguir que ele penetrasse na macumba de Jubiabá. Mas, apesar dos elogios, Antônio Balduino não se sentira muito disposto a falar com Jubiabá. Isso de levar brancos e principalmente desconhecidos, para as macumbas, não dava certo. Podia ser um polícia que ia só para prender

todo mundo. Uma vez tinham metido Jubiabá na chave, o pai-de-santo passara a noite lá, e tinham levado Exu (AMADO, 2008, p. 101-102).

Nesse trecho, há a descrição do sentimento de receio que Antônio Balduíno sente quando um homem branco pede para ir à macumba de pai Jubiabá. O receio de Balduíno, neste caso, está na possibilidade do homem ser um policial, já que como dito acima, o surgimento dos terreiros, embora tenha significado uma saída da clandestinidade, significou também o aumento da repressão policial as práticas culturais negras.

2.2. O cordel como forma de resistência.

Nos dois capítulos posteriores ao *Cultura Negra: Cordel, um jogo de formas e Capoeira, um jogo de corpo*, Sodré disserta acerca do cordel, um jogo de formas, e da capoeira, um jogo de corpo, que representam também formas de resistência e preservação cultural.

O cordel, originado de relatos orais que depois passaram a ser impressos em folhetos, se popularizou no Brasil primeiro nas regiões Norte e Nordeste, sendo difundida em todo o território nacional. Na sua modalidade oral, é produzido em repentes, músicas, cantigas de roda ou contos carregados de tradição, costumes e/ou significações. Essa modalidade aparece em *Jubiabá* sob a rubrica de ABC, tendo destaque a personagem Zé Camarão, que em várias partes do livro aparece cantando a história de grandes homens por meio desses ABCs.

Zé Camarão tinha duas grandes virtudes para Antônio Balduíno: era valente e cantava ao violão histórias de cangaceiros célebres. Tocava também coisas tristes, valsas e canções, nas festas dos casebres do morro do Capa-Negro e em todas as outras festas pobres da cidade, nas quais era elemento indispensável (AMADO, 2008, p.22-23).

Nesses casos, o cantador encanta pelo seu discurso performático ao público com suas rimas e ato de dizer em um discurso inventado ou real, com uma carga da tradição, folclórico a religioso. Na obra de Jorge Amado, os ABCs cantados por Zé Camarão impressionavam Balduíno, que cresceu com o sonho de ter um que contasse sua história.

E antes de ter dez anos ele jurou a si mesmo que um dia havia de ser cantado num abc, e as suas aventuras seriam relatadas e ouvidas com admiração por outros homens, em outros morros (AMADO, 2008, p.34).

Em sua modalidade escrita, o conteúdo do cordel conservador ou inovador, mítico ou histórico pode ser acomodado no jogo de forma onde o desafio é a língua por meio da rima. Essa versão escrita ou impressa não era permitida aos povos como operários e artesãos, já que era considerada uma forma de poder por meio da palavra. Em *Jubiabá*, o ABC, na modalidade escrita, aparece ao final do livro.

O cordel, em todo período da escravidão, e até mesmo depois da abolição, sempre fora marginalizado e reduzido em seu valor pela cultura ocidental, que se impunha como detentora do conhecimento – sendo imposta como modelo hegemônico, aos demais povos, sobretudo aos indígenas e africanos. Essa imposição cultural e artística se estendeu a todo nordeste brasileiro, justamente onde a presença do povo negro no Brasil é mais marcante. Seus costumes, crenças e valores eram asfixiados pela “verdade universal” reproduzida pelos modernos ocidentais. Contudo, a força da tradição e valores do povo negro persistia nas cantigas de roda, nos repentinos e cordéis, onde seu discurso e performance sustentava a luta do seu povo, sua tradição, crença, e as lutas travadas.

Sodré, em sua obra, traz o repentista Zé Limeira (1886-1954) como uma das figuras mais importantes na construção da identidade e sobrevivência da cultura cordelista no Nordeste. O autor se refere a Zé Limeira como “fenômeno extraordinário de cultura nordestina” (SODRÉ, 2005, p.150), visto que, mesmo analfabeto fazia da semântica e sintaxe brinquedos nos seus repentinos, da mesma forma que uma criança manuseia um brinquedo sentindo dos maiores prazeres e fundamentos da vida. Sendo assim, “A língua passa a ser aqui um vasto campo de jogo, um pretexto para o prazer de inventar, de suscitar atos de linguagem” (p. 150).

Já em *Jubiabá*, tem-se como exemplo de bravura e resistência do povo do negro e nordestino, através dos repentinos e de lutas, o singular Lucas da Feira. Cangaceiro negro que fez sua história ser registrada e contada no ABC do cordel, cuja trajetória inspirava outros negros, bem como o personagem Balduino, que

como já falado, desejava ter uma vida heroica e contada como a do Lucas da Feira.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, como já discutido, a história da formação do povo brasileira é marcada pela tentativa incansável de ruptura da identidade negra. A obra de Sodré evidencia a maneira como a cultura ocidental opera ideologicamente, a partir do terrorismo da verdade e do sentido. As práticas, costumes e ideias ocidentais eram verdadeiras e corretas, razão pela qual as demais deviam se “curvar” e se submeter a elas. A partir dessa ideia, eles colonizaram o território brasileiro e impuseram tanto aos negros - traficados da África e feitos escravos - quanto aos povos originários sua ideia de cultura.

Essas práticas exerceram influência direta na construção da sociedade brasileira, visto que, a desvalorização dos negros não teve fim ao final da escravidão. A falta da criação de políticas públicas voltadas à população, agora, “livre” fez com que eles continuassem a margem da sociedade, desempenhando funções não muito distintas das anteriores como pode ser verificado na fala de Balduino quando constata que o trabalho do pobre era a nova forma de escravidão. Sendo que, na atualidade, ainda há o enfrentamento dos efeitos e consequências das atrocidades históricas, das quais decorreram graves desigualdades econômicas, sociais e políticas, motivos constantes de lutas por equidade e por afirmação identitária. Percebe-se, assim, que sempre se fará necessário o estudo das origens do nosso país e, nele, a importância da cultura afro-brasileira. Emergindo a escola como um dos mais importantes espaços para essa discussão, tratando do tema de forma adequada, não mascarando a verdade e folclorizando a história e cultura afro-brasileira.

Consoante a isso, o cordel da cordelista Daniela Bento se faz propício:

*(...) Não descendemos de escravos
Makota já alertou
Mas, fomos escravizados
E nem isso eliminou
Tanto talento, beleza...
Nosso canto anunciou (...).
(BENTO, Daniela. Coisa de Preto, 2017).*

4. REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Jubiabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENTO, Daniela. Coisa de Preto. Brasil de Fato, 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/20/cordel-or-coisa-de-preto>>. Acesso em: 02 de junho de 2022.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2001.

SODRÉ, Muniz. A Verdade Seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.